

PALAVRA DO LEITOR

Tragédia prevista

A capa da edição de segunda-feira, dia 28/01/2019, do **Jornal do Comércio** dá uma dimensão da tragédia, mais uma, com as barragens de contenção da mineradora Vale, em Minas Gerais. Pelo visto, as barragens não seguram nada. Já são 58 mortos e mais de 200 pessoas desaparecidas. Muitas atitudes serão tomadas, enquanto perdura a emoção e a consternação. Daqui dois meses, não se fala no assunto. Exatamente como em Mariana e na Boate Kiss, onde, até hoje, há idas e vindas, sem que nada tenha sido, efetivamente, feito. *(Luis Olavo Bernardes, Porto Alegre)*



Modelo

A caminhada do Brasil em direção ao modelo venezuelano de governar foi temporariamente interrompido, mas o grupo político que foi jogado para escanteio na última eleição não desistirá do seu projeto de arruinar o nosso País, tomando, por exemplo, o que ocorre com nosso vizinho, em que a inflação ultrapassou 1,3 milhão por cento em 2018. *(Roberto Fissmer, Porto Alegre)*

Futebol

A cobertura do futebol em Porto Alegre tem a única e grande preocupação com a dupla Grenal. O São José venceu - e bem - o Internacional. Fosse uma crônica amante do futebol, da disputa, da alternância, o foco seria enaltecer a vitória do Zequinha. Mas o que se leu, ouviu e viu? Por que o Inter perdeu... Nada de valorizar o outro time, salvo um colunista, que colocou o nome do São José e citou a vitória como merecida. Depois, reclamam da mesmice do nosso campeonato. *(Oscar Henrique Mendes, Porto Alegre)*

Drogas, guerra perdida

Os assassinatos entre integrantes de gangues mostra que o Brasil perdeu a guerra contra o tráfico e o consumo de drogas. A juventude - principalmente a que não estuda nem trabalha - fica à mercê da maconha, da cocaína e por aí fora. O resultado é esse que verificamos, mortes em plena Cidade Baixa, aqui em Porto Alegre. *(Jair de Almeida Santos)*

Água na Restinga

Água do Dmae na Restinga está condenada. Consumida, provoca diarreia, vômito, prostração e dores estomacais intensas. *(Osvaldo Padilha)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 1900 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

JC Contabilidade no WhatsApp.

RECEBA NOTÍCIAS DE CONTABILIDADE EM PRIMEIRA MÃO

Salve o número (51) 98054.2615 e envie pelo seu Whatsapp a palavra "CONTABILIDADE" com seu nome e sobrenome para receber notícias. Para mais informações, acesse o link: bit.ly/WhatsContabilidade



ARTIGOS

Menos modismo, mais educação

Jaime Lorandi

De tempos em tempos, o diálogo em torno da sustentabilidade é contaminado por algum modismo, que mais atrapalha do que ajuda na busca por soluções. A onda do momento envolve a vilanização dos canudos plásticos, que aposta no banimento do material e esquece da educação das pessoas para a separação e destinação correta dos resíduos. De acordo com o IBGE, a produção de canudos plásticos, no Brasil, é de 1.645 toneladas ao ano. O peso médio de cada canudo é de 0,35 grama. O consumo, no País, é de 4,7 bilhões de unidades ao ano. Em média, a cada 30 dias, cada pessoa consome apenas dois canudos. E o material é 100% reciclável. O Brasil produz, anualmente, 6,3 milhões de toneladas de plásticos, segundo a Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast). A produção de canudos representa só 0,026% do total. No universo de resíduos sólidos gerados anualmente no País, que a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) estima em 81 milhões de tonela-

das, os canudos plásticos correspondem a 0,002%. Municípios como o Rio de Janeiro, que criaram leis proibindo a distribuição de canudos plásticos (0,35 grama), viram os comerciantes passarem a fornecer copos plásticos (1,5 grama), pois outras alternativas são mais custosas ou inexistentes no mercado. Ao invés de atenuar, agravou-se o impacto ambiental. O **Sindicato das Indústrias de Material Plástico do Nordeste Gaúcho (Simplás)** defende a educação para separação e destinação correta de todos os resíduos para reciclagem. Trabalha, nesse sentido, com o projeto Plástico do Bem, implementado na rede municipal de ensino de Farroupilha e em entidades como a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC) de Caxias do Sul. Uma legislação orientativa e punitiva aos consumidores que destinam erroneamente seus resíduos e a disponibilidade de recipientes específicos para cada tipo de material seriam ações com consequências ambientais muito mais positivas do que a simples proibição dos canudinhos.

Presidente do Simplás

Aliado da economia

Lourdes Fellini

É alentador constatar o posicionamento que está emergindo da nova política econômica do País. Refiro-me a um dos geradores do desenvolvimento econômico e que cumpre dupla função. O setor do turismo. A abrangência e o inter-relacionamento desta atividade combina com o novo Brasil que desponta.

Combina com segurança e preservação ambiental e cultural. E se constitui em um redistribuidor de renda. É do conhecimento de todos que a atividade do turismo é indutora de desenvolvimento econômico e social. E pode ser utilizada como elemento de promoção social, pela necessidade de educação que está embutida na forma de uso. Quer seja no investimento, na política de promoção e na utilização do bem propriamente dito. Compatibilizar desenvolvimento econômico com a preservação ambiental tem identidade siamesa com a área do turismo. Compatibilizar desenvolvimento econômico com preservação ambiental significa emitir em circulação econômica as belezas do Brasil. Gerar resultados econômicos pelo fato de preservá-los.

Preservá-los usando-os. Este é o ganho que não é secundário, porque significa educação. Significa definição de premissas para o investimento e para o uso, pressupostos da política de incentivos para o setor do turismo. A moldura deste ativo econômico é a garantia de segurança, vinda da redução dos índices de violência e criminalidade em geral. Com segurança, nascerá um País acolhedor a ser usufruído pelos visitantes e pelos brasileiros. E, quem sabe, emergimos do nível dos 6 milhões de visitantes estrangeiros por ano, faixa na qual o Brasil patina desde a década passada. Em 2017, o Brasil recebeu 6,5 milhões de visitantes estrangeiros. No mesmo ano, o Louvre recebeu 8,1 milhões, e o Coliseu, 6,6 milhões. Falamos de atrativos por sua força motivacional, de um País com a imensidão do Brasil, com 8 mil quilômetros de litoral, floresta amazônica - cuja maior área pertence ao Brasil -, diversidades culturais, pesquisas e desenvolvimento tecnológico e agrícola, enfim, uma densidade de atrativos capazes de gerar curiosidade e presença de visitantes de fora do País.

Empresária

Literatura é um bom negócio

Vinicius Escobar

O mercado editorial está acompanhando o destino do fonográfico, no qual a gravadora perdeu poder, o artista ganhou independência, e a música não acabou. Assistimos algo parecido na indústria do audiovisual, quando também ocorreu a descentralização do poder comercial de produção e distribuição, e praticamente a extinção das locadoras de filmes. Os produtos se transformaram em serviços e migraram, assim como o dinheiro, para a nuvem. Spotify e Netflix são dois bons exemplos de empresas que surgiram nessa transição do off para o on-line.

O faturamento dos artistas com downloads, em 2018, superaram as vendas de discos, perdendo apenas para shows. E, no cinema, revela pesquisa da Ampere Analysis, publicada pela revista The Hollywood Reporter, o streaming deve ultrapassar o faturamento das bilheterias em todo o mundo ainda neste ano. Embora tímido na literatura, o crescimento do mercado digital também impressiona, e não são os

e-books que chamam a atenção. Representando apenas 1,9% do faturamento do setor brasileiro, conforme pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), e 27% no mercado norte-americano, segundo a Association of American Publishers (AAP), os livros digitais não estão sozinhos nessa prateleira virtual.

Com crescente participação na receita desde 2016, os audiolivros chegaram à marca de US\$ 2 bilhões nos Estados Unidos, movimentando uma indústria bastante conservadora e ganhando destaque nas últimas edições das feiras do livro de Londres e Frankfurt. Esses números, que conseguiram a atenção da Amazon e da Google, empresas de distribuição de conteúdo digital, estão fazendo grandes editoras brasileiras ampliarem seus catálogos on-line. Mesmo que parem dúvidas sobre a hegemonia dos óculos ou dos fones de ouvido, resta a certeza de que a literatura também continua sendo um bom negócio.

Professor e escritor